

# Comunicação para um Novo Mundo<sup>1</sup>

Fernando Henrique Cardoso  
Presidente eleito da República  
Federativa do Brasil (1995-1998)

---

## RESUMO

Discute as características da Nova Ordem Mundial da Comunicação - NOMIC, mostrando que no mundo contemporâneo, nada existe sem a comunicação através do rádio e da televisão. Admite que na nova sociedade, os meios de comunicação não sejam reforços da alienação, mas, ao contrário, são partes necessárias do movimento da dialética entre os poderosos e os oprimidos, o estado e a sociedade civil.

Palavras chave: Nova Ordem da Comunicação, sociedade civil, dialética.

---

## RESUMEN

Discute las características del Nuevo Orden Mundial de la comunicación - NOMIC, mostrando que en el mundo contemporáneo, nada existe sin la comunicación a través de la radio y de la televisión. Admite que en la nueva sociedad, los medios de comunicación no sean refuerzos de la alienación, mas, al contrario, son partes necesarias del movimiento de la dialéctica entre los poderosos y los oprimidos, el Estado y la sociedad civil.

Palabras Clave: Nueva Orden de La Comunicación, Sociedad civil, dialéctica

---

## ABSTRACT

The paper discusses the characteristics of the NOMIC, showing that in the new world, nothing exists without communication by Radio and television. Admits that in the new society, the mass media are not feedback for the establishment. Otherwise, they are necessary parts of the dialectic between rich and poor people, government and society.

Keywords: NOMIC, society, dialectic

Nós estamos no limiar de uma outra época. Assim como houve a acumulação primitiva, mencionada por Marx, em que havia pilhagem como forma inicial de acumulação de capitais, houve a acumulação que foi feita em termos da exploração direta do homem pelo homem. Só que hoje, essa acumulação não resolve os problemas de uma imensa massa da humanidade

---

<sup>1</sup> Texto da conferência proferida pelo então Senador Fernando Henrique Cardoso, na sessão de abertura da XVII Conferência Internacional de Pesquisa em Comunicação de Massa, realizada na cidade do Guarujá, São Paulo, no dia 19/08/92, evento promovido pela IAMCR, ALAIC E INTERCOM. Publicada originalmente em inglês no livro *Communication for a New World*, editado sob a coordenação do Prof. Dr. José Marques de Melo, quando era diretor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (1993).

que não dispõe dos recursos da inteligência, da nova tecnologia e que é inútil para a riqueza dos países prósperos. Isso dito assim um pouco exagerado e parece ser algo que não diz respeito a nós. Diz respeito aos "outros", aos "lá da África", aos de "Bangladesh", onde seja. Entretanto, em certos países, como é o caso do Brasil, como é o caso da Índia, do México e tantos mais, há também setores que não servem, nem sequer explorados ficam como se estivessem hegelianamente à margem da história.

Não há mais dialética de senhores e escravos. Quando há a dialética do senhor e do escravo, o escravo tem a possibilidade de negar o senhor. Quando o senhor já não se preocupa com esses segmentos da população que podem ser muito grandes, eles são como se fossem "detritos da história". Nessa nova ordem internacional estamos assistindo ao mesmo tempo que à globalização da economia, à perspectiva de um novo humanismo, ao fim da possibilidade da guerra, pelo menos da guerra atômica, e ao oposto disso também. Estamos assistindo à marginalização de imensas populações pela sua incapacidade de se engajarem no rumo principal da história. Hoje o motor principal da história já não é a exploração maciça da mão-de-obra e dos recursos naturais.

Essa é a nova ordem mundial na qual os setores prósperos aspirem a ser uma ilha e a colocar muralhas contra a migração, contra as pestes que vem de lá fora, a AIDS, ou o que seja, contra as religiões fundamentalistas que não são, segundo a ótica dos mais racionais, capazes de serem sensíveis ao progresso tecnológico, etc. O Islã vira ameaça, a pobreza vira ameaça.

Se me perguntarem: como fica a dependência? Na teoria da dependência nós estávamos lidando com senhores e escravos. Havia uma dialética entre os exploradores e os explorados. Agora é um outro fenômeno que supõe também uma luta, mas uma luta de outro tipo. É uma situação de outro tipo que deve ser pensada na sua radicalidade de ser nova. Não se pode com a linguagem da outra época histórica.

A grandeza e a tragédia das Ciências Sociais reside na historicidade dos seus conceitos. Quando a história muda temos que criar novos conceitos, pois ao aplicar os antigos conceitos ao novo momento histórico, tropeçamos com a impossibilidade da imaginação dar conta do real. A imaginação deve ser criadora para permitir que se veja em que plano se colocam as lutas novas, porque lutas novas há. O que não se pode é tentar descrevê-las como se elas fossem como as antigas.

Assim, com essa nova ordem e suas consequências, o problema dos paradigmas é posto em jogo imediatamente. De alguma forma o pensamento ocidental sempre foi um pensamento orgulhoso, soberbo e sempre foi capaz de imaginar que a razão ia poder conter a definição da globalidade. Que seja Kant ou que seja Marx, liberais ou socialistas, sempre houve uma aspiração à globalidade, e ao domínio dessa globalidade pela razão através de conceitos que unificassem a história.

Eu diria que as Ciências Sociais de hoje são um pouco mais humildes. Sem ir no sentido do pós-modernismo e da radicalidade, da recusa da possibilidade de se ver o conjunto, elas estão tentando repensar um conjunto, sem a pretensão de saber o fim da história, mas com a consciência de que não se pode saber, de antemão, qual é o fim dessa história.

Quem previu o desmoronamento do mundo soviético tal como ele se deu? Ninguém! Nem as centenas de soviétólogos, americanos da mais alta

qualidade que previram tudo, menos isto, nem os dissidentes. Eu gosto muito de um deles, Zinoviev, que é um matemático que escreve romances. Ao descrever o mundo soviético, ele o fazia à maneira de Montesquieu que dizia que cada sistema social tem leis que lhe são próprias. Zinoviev ao descrever leis próprias do mundo soviético dava a impressão de que era um mundo inatingível e indestrutível. E de repente aquilo tudo deu para trás e levou a razão sociológica ser um pouco mais cautelosa nas suas ambições de globalização e na sua certeza sobre o fio condutor da história e o fim da história. De alguma forma tivemos que introduzir nos nossos paradigmas aquilo que os físicos que lidam com pequenas partículas já tinha introduzido há muito tempo: a noção da incerteza. A certeza do triunfo do capitalismo e da democracia que orientou os liberais era paralela (com o mesmo grau de aspiração ontológica) à certeza dos socialistas que imaginavam que a luta de classes ia desenvolver-se numa certa direção e que seria possível fazer uma sociedade sem classes. Ambos tinham certeza. Hoje, os neo-liberais pensam ser mais cautelosos na definição dos paradigmas e compreender que há graus muito grandes de incerteza. É preciso introduzir esses graus de incerteza na própria lógica da análise das Ciências Sociais. Não pode existir uma teoria da mudança digna desse nome, com "T" maiúsculo, se não com uma certa humildade a respeito de como se processam os mecanismos de transformação da sociedade contemporânea.

Há muitos anos, eu escrevi um trabalho em que eu disse que devíamos pensar a mudança em termos de curto-circuito. Deveríamos ter menos confiança nos fatores objetivos que levam à transformação dos subjetivos, ou ainda que a infra-estrutura vai condicionar a super-estrutura, ou outras idéias desse tipo, muito mecânicas. Deveríamos pensar que as sociedades podem mudar como acontece com um incêndio. As vezes um fio mal coberto é o suficiente para que uma faísca provoque o fogo e derrube uma casa.

Eu escrevi isso me lembrando de Nanterre, em maio de 1968, onde eu era professor da classe do "Dany Le Rouge", Daniel Cohn Bendit, um dos líderes do movimento. As teorias de explicação de como aquilo ocorreu, por que ocorreu, não me convenceram jamais, o que eu senti foi que havia participado de um curto-circuito. Não havia um fio condutor entre o que ocorria, em uma pequena faculdade em Nanterre e o que ocorreu na França toda com os sindicatos em ebulição.

Às vezes na sociedade contemporânea, desde que os sociólogos, os politicólogos, os antropólogos e os homens práticos deixem de acreditar que eles sabem como ela vai mudar, ela muda quase que acidentalmente. Eu digo quase, porque evidentemente eu não estou aqui dissolvendo os condicionamentos estruturais. O que aconteceu em Nanterre foi imediatamente bloqueado mais adiante pela ação do general De Gaulle que nunca esqueceu que, em última razão, a força impera. Ele foi na Alemanha onde se certificou do apoio das forças francesas ali estacionadas para poder fazer sua reação. O próprio partido comunista francês jogou um papel importante na freigagem de tudo isso, para evitar que houvesse um desdobramento da sua capacidade de conduzir o processo sindical. Evidentemente há forças estruturais. Mas como se dá o primeiro disparo? O que leva à faísca? É muito difícil prever, a partir de uma teoria ambiciosa e orgulhosa que pensa que sabe o fim da história.

Ontem nós assistimos no Brasil um fenômeno semelhante. Ontem, por um erro de cálculo do Presidente da República, ele produziu uma farsa. Pediu apoio no momento em que a sociedade não lhe quer dar apoio. Ele chamou à rua uma manifestação enorme contra ele próprio, sem querer. Isto não estava inscrito, não era necessário que fosse assim. Todos nós nos queixávamos de que havia uma certa, eu não diria apatia, mas a sociedade assistia ao processo político que aqui se desenvolve, quase como se fosse uma telenovela, em que nós atores, lá de Brasília, éramos seguidos pelo olhar da população. Até podiam torcer por uns contra outros, mas a população não participava.

E de repente, não por insistência das forças de oposição, mas por um gesto mal pensado do Presidente, foi disparado um processo que mobilizou a sociedade. Isso acontece a toda hora na sociedade contemporânea. Aconteceu em Los Angeles muito recentemente. Não são processos previsíveis de antemão e seus efeitos, se têm condicionamentos estruturais, também não são previsíveis.

A grande questão que se coloca para pensar como a sociedade muda, é: qual é a verdadeira essência das forças presentes nessa sociedade. A grande questão é que essas sociedades são altamente segmentadas. Podem ocorrer segmentações que impeçam que o fogo passe, como há nos edifícios, aquelas portas de aço que impedem que o fogo passe. Não dispomos até hoje, nas Ciências Sociais, de teorias mais completas a respeito da mudança, porque elas, quase todas, não contemplam a questão da comunicação.

Nesse tipo de sociedades segmentadas, o que permite que o fogo devore um conjunto grande de parcelas das estruturas é o seu grau de intercomunicação. Nelas existem modificações muito rápidas, cuja dinâmica, depende da teia de comunicações. Essa, por sua vez, está sujeita a mecanismos muito complicados de dominação, que precisam ser melhor analisados.

As teorias da comunicação imaginaram que as sociedades de massas contemporâneas, produzidas pela produção em massa, pela globalização da economia, iriam gerar atores passivos na sua imensa maioria, que não são nem atores, espectadores, o que não corresponde à realidade.

Talvez não seja popular dizer isso, mas a Escola de Frankfurt, que tanto nos entusiasrou, errou redondamente. Pode ter sido um primeiro momento de apreensão do que estava ocorrendo. Mas ficou aquém das possibilidades que esse tipo de sociedade, esse tipo de comunicação de massa é capaz de gerar também.

Não é certo, ao meu modo de ver, que a cultura de massas e os "mass media" produzem uma sociedade de administrados, como diz o Abraham Moles, que querem a felicidade, de administradores que querem a eficiência, e de criadores que querem a inovação. Isso tudo existe, mas há uma dialética. Não existe como um dado, existe como um processo. De repente o administrado se movimenta e quebra o conceito de eficiência. E de repente a inovação vem não do intelectual que é feito para pensar, e para produzir a criação, mas vem do próprio influxo, da quantidade de atores que desatam um processo novo. Nessa nova sociedade (aqui estou falando como sociólogo e não como comunicólogo, que não sou, da nova ordem internacional, os paradigmas para analisar os processos de mudança, da nova maneira de viver), não é verdadeiro, no meu modo de entender, que nós tenhamos transformado todos os seres

que vêem televisão e ouvem rádios em robôs, o processo é bem mais complicado.

Na verdade, há estudos na Inglaterra, desde os anos 50, sobre os estilos de vida que foram produzidos, não pela comunicação em si, mas pelos "department stores", por essas grandes redes de magazines, mostrando que existe, no mundo contemporâneo, uma massificação dos estilos de viver, que não se pode mais distinguir as classes simplesmente pela roupa, que existe uma certa uniformização, e que isso mudou a classe trabalhadora inglesa, etc. Estes estudos mostram também, que o consumidor não é um ser passivo. Ele, no limite, escolhe; o ouvinte não é um ser passivo, ele, no limite, escolhe. E a informação não se projeta como se o receptor fosse um ser em negativo. Há um processo de seleção. E dir-se-á: bom, mas há fluxos de informação que são orientados de cima para baixo, dos ricos para os pobres, dos poderosos para os menos poderosos. Tudo isso é verdade! Mas há uma certa dialética também. Assim como a sociedade quebra de repente por uma faísca, esse mecanismo também é passível de uma transformação. Nós vimos isso na França, em 68. Nós vimos isso no Brasil quando houve a luta contra o regime militar e em 83/84, com a grande campanha que se fez para a eleição direta para Presidente, havendo um Presidente militar no poder. Nós vimos como, de alguma maneira, em certos momentos esses mecanismos todos se quebram. E para quebrá-los, o próprio sistema de informações, que sempre tem vazamentos, é essencial. Vimos aqui no Brasil como os líderes políticos, eu me incluo entre eles, falharam na avaliação da potencialidade transformadora da sociedade.

Se ainda tenho tempo me permitam uma pequena digressão. A primeira grande manifestação de massa contra o regime militar, neste estado de São Paulo, no dia 25 de janeiro de 1984, coincidiu com a data de aniversário da Universidade de São Paulo, 25 de janeiro. Eu era Senador, presidente do PMDB, que era o partido de oposição, e professor da Universidade de São Paulo, embora afastado. Então eu fui à Universidade de São Paulo com o Governador do Estado. E nós estávamos lá, quando nos chamaram: eu deveria ir correndo à Praça da Sé, no centro da cidade de São Paulo. Tínhamos convocado um ato público, e contávamos com dez mil pessoas, mas lá estavam cem mil pessoas e não sabíamos o que fazer porque não tínhamos nem sequer alto-falante que alcançasse o fundo da praça. Nenhum de nós havia planejado tanto. Diziam na época que as grandes cadeias de televisão não estavam transmitindo nada. E não estavam. Mas, de alguma maneira, um pouco de informação via rádio, via televisão, acabou se multiplicando, e produziu uma grande movimentação que, depois, juntou milhões de pessoas nas ruas.

Quem participou do movimento contra o regime militar no Brasil, e tentou entender o processo eleitoral, teve a mesma sensação. A primeira vez que nós derrotamos o governo militar, que foi em 1974, ninguém sabia que eles iam perder nas urnas. Ninguém sabia, nem nós. Eu recordo que eu estava ajudando o Cardeal de São Paulo a fazer um trabalho sobre a chamada Pastoral do mundo do trabalho e me reuni com muitos padres que trabalhavam na periferia de São Paulo. Nenhum deles acreditava que a eleição podia ser outra coisa, se não uma mera manipulação do regime militar. Depois, eu me reuni com eles, e perguntei: como é que aconteceu isso? Onde é que se criou esta corrente? Como é que deu esse curto-circuito?

A comunicação continua sendo mais complexa do que se pensa, não é só a comunicação eletrônica. Ela passa por um outro fluxo da comunicação direta e vice-versa. O vice-versa tem a ver com o fato de que os próprios produtores da mídia, inclusive da mídia eletrônica, estão em conflito. Não sei se é de classe. Mas um conflito forte, que leva, mesmo as mais poderosas redes que querem sustentar o poder a, num dado momento, se quebrarem e não conseguirem sustentar o poder.

E então, também aí, é preciso que haja um novo pensamento sobre qual é o papel dos meios de comunicação nesse tipo de sociedade. Pois não é só o papel da passivização, não é só o de servir à voz do dono, é muito mais complexo do que isso.

Por fim o último ponto: a questão da participação democrática dos meios de comunicação nessas sociedades contemporâneas.

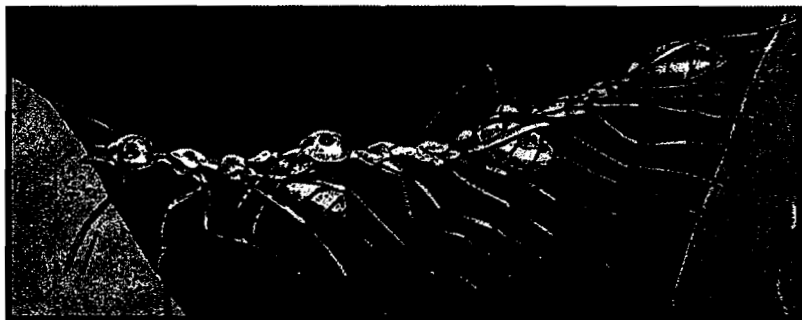
Sempre me fascinou a capacidade que tem a mídia de criar atores. Nós assistimos aqui no Brasil à invenção do mundo sindical. Não é que o mundo sindical inexistisse. Ele existia durante a ditadura, mas os líderes foram criados, projetados. Eles existiam como seres individuais, insatisfeitos com o regime militar. Eles, de alguma maneira, foram criados como interlocutores pela mídia. Eu via a mídia criar lideranças empresariais que não existiam. Eu próprio fui, de certa maneira, criado pela mídia. Eles precisavam de um intelectual que tivesse projeção política e virei Senador. Isto, em larga medida, é a maneira pela qual a sociedade moderna funciona, onde a mídia, legítima, se não inventa, o ator. E o movimento sindical, é o movimento social. Quando, na periferia pobre de São Paulo, vai haver um movimento pelas creches, ou vai haver alguma coisa que diz respeito à criação de uma escola, ou um protesto qualquer, a primeira pergunta que o líder do movimento comunitário faz é se tem um jornal local e se há televisão. Neste mundo contemporâneo, tudo tem que existir através da tela da televisão e do rádio, porque, se não, não existe. O próprio movimento social sabe que o “establishment” é real, mas que ele é permeável. E que se o movimento conseguir atrair uma parte pequena, que seja, às vezes apenas um jornalista de menor expressão, mas que depois passa para outro e outro, de repente, chega ao grande circuito.

Então eu não penso que na nova sociedade, os meios de comunicação sejam apenas o reforço da alienação. Uma parte o é, mas eu penso também que eles são o contrário. E que nesse ser o contrário, eles são parte necessária do movimento da dialética entre os poderosos e os oprimidos, entre, às vezes, o estado e a sociedade civil. A sociedade civil sabe disso, tateia e tenta capturar pedaços do sistema de comunicação para neles atuar. É inútil imaginar que possa existir controle por parte dos donos da mídia, sobre o conjunto da mídia. Qualquer pessoa que tenha um pouco mais de experiência política sabe que é impossível até porque a mídia também é um produto industrial complexo que requer muita gente, várias especialidades, introduzindo dentro da empresa uma dialética, uma dinâmica, que não permite que o fluxo exista apenas de cima para baixo. No cotidiano é de cima para baixo. Mas nos momentos em que a sociedade ferve, ela produz uma transformação que passa por esses mecanismos e de alguma maneira transforma o que era antes instrumento alienante em instrumento de modificação, em instrumento crítico.

Acredito portanto que nós estamos de fato diante de uma nova sociedade, de um novo sistema internacional, cheio de injustiças, que requer um novo

modo pelo qual lutar contra as injustiças, e politizar os objetivos. Isto implica em repensar não só o novo modo de produzir, como o novo modo de se comunicar. Entendo que ambos podem resultar numa imensa alienação e numa imensa acumulação de riqueza, em detrimento de outros. Mas podem também significar o oposto: o mecanismo pelo qual se diminua a alienação, se diminua a injustiça e se aumente a participação democrática na sociedade.

**Perspectiva Crítica y Alternativa**  
Integrantes de la Red Iberoamericana  
de Revistas de Comunicación y Cultura



# comu nica ción

**Estudios venezolanos  
de comunicación**

**Suscripción:**

(cuatro números al año)

Venezuela: Bs. 1.400

Extranjero (vía superficie): \$ 20

América (vía aérea): \$ 30

Resto del mundo (vía aérea): \$ 40

**Información:**

Centro Gumilla, Edif. Centro Valores, P.B.

Esquina de La Luneta, Altigracia, Caracas 1010-A, Venezuela

Apartado 4838

Teléfonos: 564 98 03, 564 75 57, 564 82 71

Fax: (02) 561 82 05